

# **AS VIRTUDES E OS VÍCIOS DOS PERSONAGENS DOS ROMANCES DE EMMANUEL**

# MÓDULO 1

## A SAGA DO SENADOR PUBLIUS LENTULUS EM HÁ 2000 ANOS

**Encontro 8 – A vingança de  
Saul – 3<sup>a</sup>. parte**

 **No seu quarto, porém, Flávia Lentúlia se surpreendia com a demora da solução de um caso em que se via envolvida e também considerado, por ela, à primeira vista, como um acontecimento sem importância.**

Levantou-se, depois de considerável esforço, dirigindo-se à porta que comunicava os apartamentos de Agripa com o peristilo, mas, surpreendida com a escuridão e silêncio reinantes, apenas escutou, vindo do interior, um leve rumor, semelhante aos sons roucos de uma respiração fatigada e opressa.

□ Dominada por dolorosos pressentimentos, a desventurada criatura sentiu bater-lhe o coração descompassadamente.

□ A ausência de luz, aquele ruído de respiração estertorosa e, sobretudo, o profundo e pavoroso silêncio, fizeram-na recuar, buscando o socorro e a experiência de Ana, que lhe conquistara igualmente o coração, pela dedicação e pela humildade, em todos os dias daquele amargurado período da sua existência.

□ Chamada por Flávia aos seus aposentos particulares, a velha servidora dos Lentulus, depois de ouvir a apressada confidência da senhora, compartilhando-lhe os receios, acompanhou-a ao quarto de Agripa, em cuja porta de entrada também parou, pensativa, embora já não mais se ouvisse a respiração opressa, observada minutos antes pela esposa de Plínio.

□- Senhora - disse afetuosa -, estais abatida e ainda necessitais de repouso. Voltai ao quarto; se algo houver que justifique os vossos receios, procurarei resolver o assunto junto de vosso pai. a quem cientificarei do que houver, lá no seu gabinete particular.

□ - Agradecida, Ana - respondeu a senhora, visivelmente emocionada - , concordo contigo, mas esperarei aqui no peristilo o resultado de tuas providências.

□ Com uma prece, a antiga criada penetrou no aposento, fazendo um pouco de luz e parando o olhar, quase estarrecida.

□ No tapete, o cadáver de Agripa Severus, caído de borco, descansava numa poça de sangue, que ainda corria do profundo ferimento aberto pela arma homicida de Saul.

□ Ana precisou mobilizar todas as reservas de serenidade da sua fé, para não gritar escandalosamente, alarmando a casa inteira.

■ Ela, porém, que tantos padecimentos havia já experimentado em todo o curso da vida, não tinha grande dificuldade em juntar mais uma nota angustiosa ao concerto de suas amarguras, sofridas sempre com resignação e serenidade.

□ Todavia, sem poder dissimular a angústia e a profunda palidez, voltou novamente ao peristilo, exclamando algo inquieta, para Flávia Lentúlia, que lhe observava os mínimos gestos, ansiosamente.

□ - Senhora, não vos assusteis, mas o senhor Agripa está ferido...

□ E aos primeiros movimentos de curiosidade angustiosa da filha do senador, a qual se lembrava da profunda desesperação do esposo, momentos antes, Ana acalmou-a com estas palavras:

□ - Não temos tempo a perder! Procuremos o senador, para as primeiras providências; contudo, suponho que devo cuidar sozinha dessa tarefa, aconselhando-vos a buscar a tranquilidade do vosso quarto.

□ Mas, silenciosas e inquietas, dirigiram-se as duas apressadamente ao gabinete de Publius, absorvido em numerosos processos políticos, no seio tranquilo da noite.

□ - Agripa, ferido?! - perguntou altamente surpreendido o senador, depois de se inteirar da ocorrência pela palavra de Ana.  
- Mas, quem teria sido o autor de semelhante atentado nesta casa?

□ - Meu pai - respondeu Flávia, entre lágrimas -, ainda há pouco, Plínio e Agripa tiveram séria altercação no interior dos meus aposentos!...

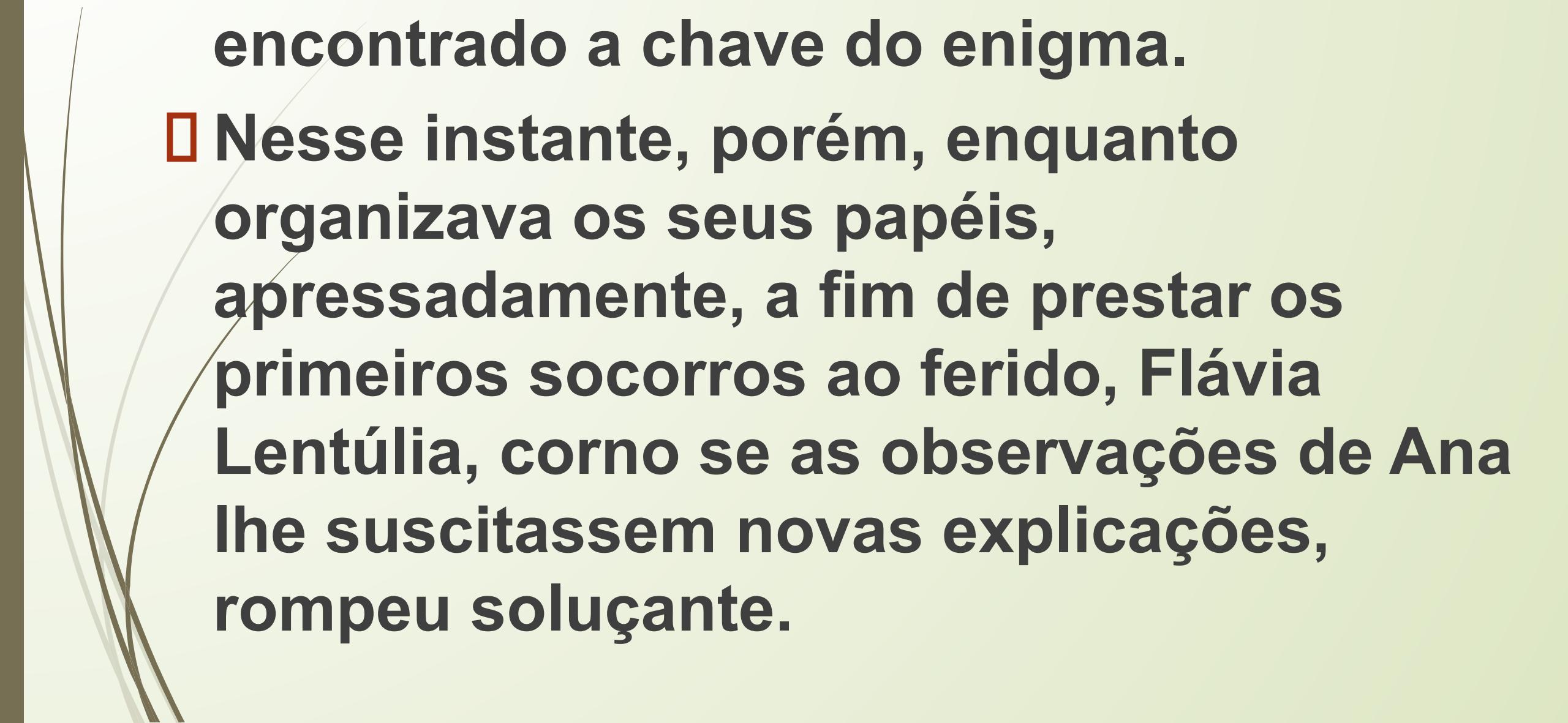
□ Publius Lentulus percebeu o perigo das palavras confidenciais da filha, em tais circunstâncias, e, como não podia acreditar que os filhos de Flamínio, sempre tão unidos e generosos, fossem ao extremo das armas, acentuou decisivamente:

□ - Minha filha, não acredito que Plínio e Agripa se abalancassem a tais extremos.

□ E como estivessem na presença de Ana, que por mais conceituada que fosse, agora, na sua confiança pessoal, não podia modificar a estrutura de suas rígidas tradições familiares, acrescentou, como se quisesse prevenir o espírito da filha contra qualquer revelação inconveniente que pudesse envolver o seu nome em escândalos sociais irremediáveis:

□- Além disso, não me pareces muito certa em tuas lembranças, porque Plínio se despediu de manhã, seguindo viagem para Massília. Não podemos esquecer esta circunstância. Não se viu algum desconhecido nesta casa?

□- Senhor - respondeu Ana, com humildade -, há alguns minutos vi que o senhor Saul se retirava apressado lá do quarto do ferido. De acordo com as minhas observações e atenta à sua familiaridade com os vossos amigos, suponho-o pessoa indicada para nos dar qualquer esclarecimento.

- 
- Os olhos do velho senador brilharam estranhamente, como se houvesse encontrado a chave do enigma.
  - Nesse instante, porém, enquanto organizava os seus papéis, apressadamente, a fim de prestar os primeiros socorros ao ferido, Flávia Lentúlia, corno se as observações de Ana lhe suscitassem novas explicações, rompeu soluçante.

□ Meu pai, meu pai, só agora me recordo de que vos deveria cientificar de coisas muito graves!...

□ - Filha - acudiu com decisão -, estás doente e fatigada. Recolhe-te ao quarto, procurarei a tudo remediar!... É muito tarde para qualquer ponderação.

As coisas graves são sempre más e o mal que não se corta pela raiz, com o esclarecimento oportuno, é sempre uma semente de calamidade guardada em nosso coração, para rebentar em lágrimas de amarguras, nas horas inesperadas da vida!... Falaremos, pois, mais tarde. Cumpre, agora, providenciar o que seja mais urgente e necessário.



Retirando-se apressado,  
com a serva, em demanda  
dos apartamentos do rapaz,  
notou que Flávia obedecia,  
sem discussão, às suas  
determinações,  
recolhendo-se ao quarto.

Penetrando nos aposentos de Agripa, em companhia da velha serva, Publius Lentulus conseguiu medir toda a extensão da tragédia ali desenrolada, sob o seu teto respeitável.

□ Fechando a porta de acesso, o senador verificou que o filho mais velho do seu inesquecível Flamínio estava morto, restando saber os íntimos detalhes daquele drama doloroso, cujo fim sangrento era a única cena que ali se deparava.

□ Ajoelhando-se ao lado do cadáver, no que foi acompanhado pela serva e amiga leal, falou compungidamente:

□ - Ana, é muito tarde!... O meu pobre Agripa já não vive, nem haveria possibilidade de socorro para um ferimento desta natureza!... Parece haver expirado há poucos momentos!...

□ Alçando ao Alto o olhar  
marejado de lágrimas,  
exclamou amarguradamente:

□ - Ó manes de meu  
desventurado filho, acolhei as  
nossas súplicas pelo descanso  
perpétuo de sua alma!...

□ Todavia, aquela prece morrera-lhe no íntimo. A voz tornara-se-lhe frouxa e oprimida. Aquele espetáculo hediondo abalara-o profundamente. Queria falar, sem o conseguir, porquanto tinha a garganta como que dilacerada e rebelde, sob a força dos singultos do coração, que lhe morriam latentes na soledade da imperiosa fortaleza espiritual.

□ Ana o contemplou aflita, porque seus olhos nunca o haviam observado em atitudes tão íntimas, em todo o longo tempo de serviço naquela casa.

□ Publius Lentulus, aos seus olhos, era sempre o homem frio e impiedoso, em cujo peito pulsava um coração de ferro, que não podia vibrar senão para as loucas vaidades mundanas.

□ Naquele instante, contudo, entre assustada e comovida, observava que também o senador tinha lágrimas para chorar. De seus olhos sempre altivos, caíam lágrimas ardentes, que rolavam, silenciosas e tristes, sobre a cabeça inerte do rapaz, também considerado por ele um filho, como se nada mais lhe restasse, além do consolo supremo de abraçar carinhosamente os seus despojos, através do véu escuro de suas dúvidas angustiosas.

□ Ana, profundamente tocada pela amargura daquela cena íntima, exclamou com humildade, desejosa de confortar a dor imensa daquele mal sem remédio:

□ - Senhor, tenhamos coragem e serenidade. Nas minhas orações obscuras, sempre peço ao profeta de Nazaré que vos ampare do céu, confortando-vos o coração sofredor e desalentado!

O pensamento do senador vagava no dédalo das dúvidas tenebrosas. Cotejando as observações da filha e as palavras de Ana, buscava descobrir no íntimo, a intuição sobre a culpabilidade do delito. A qual dos dois, Plínio ou Saul, deveria imputar a autoria do atentado nefando?

Ele, que decidira tantos processos difíceis na sua vida, ele, que era senador e não perdia também ensejo de participar dos esforços da edilidade romana, sentia agora a dor suprema de exercer a justiça em sua própria casa, na perspectiva da destruição de toda a ventura dos seus filhos muito amados!...

□ Ouvindo, porém, as expressões consoladoras da serva, recordou a figura extraordinária de Jesus Nazareno, cuja doutrina de piedade e misericórdia a tantos fortalecia para afrontar as situações mais ríspidas da vida, ou para morrer, heroicamente, como sua própria mulher. Dirigindo-se, então, à criada, com intimidade imprevista, em gesto comovedor de simplicidade generosa, qual a serva jamais lhe observara, em qualquer circunstância da vida doméstica, disse:

□ - Ana - nunca deixei de ser um homem enérgico, em toda a vida, mas chega sempre um momento em que o nosso coração se sente acabrunhado diante da rudeza das lutas que o mundo nos oferece com as suas desilusões amargas e dolorosas! Se és tão somente uma serva, eu sei hoje apreciar-te o coração, embora tardivamente!...

☐ Uma lágrima espontânea embargava-lhe a voz, porém o velho patrício continuava:

☐ - Em toda a minha existência, tenho julgado uma imensidade de processos de várias naturezas, relativos à justiça do mundo; mas, de tempos a esta parte, parece-me que estou sendo julgado pela força incoercível de uma justiça suprema, cujos tribunais não se encontram na Terra!...

□ Desde a morte de Lívia, sinto o coração modificado, a caminho de uma sensibilidade, para mim, até então desconhecida.

□ A aproximação da velhice parece um prenúncio da morte de todos os nossos sonhos e esperanças!...

□ Diante deste cadáver, que, certamente, vai aumentar a sombra dos nossos segredos de família, sinto quão dolorosa é a tarefa de justificar os nossos entes amados; e, já que te referes ao Mestre de Nazaré, cuja doutrina de paz e fraternidade a tantos tem ensinado a morrer com resignação e heroísmo supremos, pela vitória da cruz dos seus martírios terrestres, como procederia ele num caso destes, em que as mais tremendas dúvidas me pairam no coração, quanto à culpabilidade de um filho muito amado?

□ - Senhor - respondeu Ana, com humildade, fundamente comovida ante aquela prova de consideração e afeto -, muitas vezes Jesus nos ensinou que jamais devemos julgar, para não sermos também julgados.

□ O senador se surpreendia, ao receber, de uma criatura tão simples e tão inculta aos seus olhos, essa maravilhosa síntese da filosofia humana, repassando, no espírito, o seu doloroso pretérito.

□- Mas - aventou, como se quisesse justificar-se a si mesmo dos erros profundos do seu passado de homem público - os que não julgam perdoam e esquecem; e, se mandam as leis da vida que sejamos agradecidos ao bem que se nos faça, não podemos perdoar ao mal que se nos atira no caminho!...

□ Ana, porém, não perdeu o ensejo de consolidar o ensinamento evangélico, acrescentando com doçura:

□ - Mesmo na minha terra, a Lei antiga mandava que se cobrasse olho por olho e dente por dente, mas Jesus de Nazaré, sem destruir a essência dos ensinos do Templo, esclareceu que os que mais erram no mundo são os mais infelizes e mais necessitados do nosso amparo espiritual, recomendando, na sua doutrina de amor e caridade, não perdoássemos uma vez só, mas setenta vezes.

□ Publius Lentulus admirava-se de aprender aqueles generosos conceitos da sua criada, dentro dos princípios do perdão irrestrito.

□ Perdoar? Nunca o fizera em suas porfiadas lutas no mundo. Sua educação não admitia piedade ou comiseração para os inimigos, porque todo perdão e toda humildade significavam, para os de sua classe, traição ou covardia.

□ Lembrava-se, porém, agora, de que em numerosos processos políticos poderia haver perdoado e que, em muitas circunstâncias da sua vida, poderia ter fechado os olhos da sua severidade com amoroso esquecimento.

□ Sem saber a razão, como se uma energia ignorada lhe reconduzisse o pensamento aos tempos idos, suas lembranças se transportaram ao período remoto de sua viagem à Judeia, revendo com os olhos da imaginação a cena em que, com o seu rigorismo, escravizara impiedosamente um mísero rapaz.

□ Sim, também aquele jovem se chamava Saul e ele trazia agora o cérebro ralado por dúvidas atrozes, entre aquele Saul, liberto dos seus amigos, e a figura de Plínio, sempre guardada no seu conceito num halo de amor e generosidade.

## □ Perdoar?

E o pensamento do senador se quedava em meditações amargas e penosíssimas, naqueles minutos angustiados e longos. Era, talvez, uma das poucas vezes na vida, em que o seu cérebro duvidava, receoso de fazer cair a austeridade do julgamento sobre a fronte de um filho muito querido.

- 
- Mas, saindo dessa apatia de alguns minutos, exclamou com resolução:
    - - Ana, o profeta Nazareno devia ser, de fato, uma figura divina aqui na Terra!... Eu, porém, sou humano e careço de forças novas para viver uma existência fora de minha época... Quero perdoar e não posso... Quero julgar neste caso e não sei como fazê-lo.

□ Mas, hei-de saber decidir, quanto à solução deste terrível problema! Farei o possível por observar os preceitos do teu mestre, guardando uma atitude de silêncio, até que venha a conhecer o verdadeiro culpado, quando, então, buscarei não julgar como os homens, mas pedir a essa justiça divina que se manifeste, amparando meus pensamentos e esclarecendo os meus atos...

E como se retomasse a sua energia usual para as lutas da vida, o velho patrício sentenciou:

- Agora, tratemos da vida nas suas realidades dolorosas.

□ Colocou o cadáver de Agripa no leito, e, recomendando à serva que preparasse o espírito da filha, amparando-lhe o coração no angustioso transe, abriu as portas do aposento, requisitou a presença de todos os fâmulos da casa, levando a ocorrência ao conhecimento das autoridades e procedendo, simultaneamente, a rigoroso inquérito, a fim de apurar a procedência do crime, embora um episódio daquela natureza fosse considerado vulgaríssimo nos dias atribulados da Roma de Domício Nero.

Alguns criados alegavam ter visto Plínio Severus com o irmão, durante a noite; mas a palavra do senador anulava-lhes as informações, com a afirmativa de que o irmão da vítima havia partido, durante o dia, em demanda do porto de Massília.

□ Saul era, desse modo, a pessoa naturalmente indicada para prestar declarações e, antes mesmo que se realizassem as cerimônias fúnebres, o senador, interrogando-o particularmente, supunha ter razões para crer na sua culpa, observando-lhe as evasivas e alusões descabidas, que não satisfaziam às exigências da sua perquirição psicológica.

☐ Suas afirmações e indiretas não coincidiam com asseverações incisivas de Ana, cuja retidão de palavra ele bem conhecia. Em alguns tópicos de suas informações, negou estivesse presente nos aposentos de Agripa e isso foi o bastante para que o senador verificasse que mentia.

□ Quanto a Plínio, não fora de fato encontrado, obtendo-se tão somente a lacônica participação da sua partida para Massília, o que realmente ocorrera na mesma noite da tragédia, depois da altercação decisiva com o irmão, no palácio do Aventino.

□ E, assim, em companhia de Aurélia, demandava ele as Gálias, em suntuosa galera, singrando as águas calmas do antigo mar romano.

□ O senador, porém, apenas desejava ouvir melhor as confidências da filha, para arrancar a confissão suprema do mísero liberto de Flamínio, de cuja culpabilidade não tinha mais dúvida.

□ Procurou, dessarte, realizar com a maior discrição os funerais do filho do seu inesquecível amigo, aos quais Saul de Gioras teve a desfaçatez de assistir, com toda a serenidade venenosa do seu espírito mesquinho.

□ Sob o efeito pernicioso de tóxicos letais, que lhe haviam sido aplicado por Ateia, a serva traidora, paga por Aurélia, a qual, na sua inconsciência, havia envenenado todos os cosméticos de uso da sua ama, destinados ao tratamento da pele e dos cílios, Flávia Lentúlia tinha, agora, todos os padecimentos físicos singularmente agravados, além da terrível situação moral em face da penosa ocorrência e de seu acabrunhamento por força de insolúveis dúvidas.

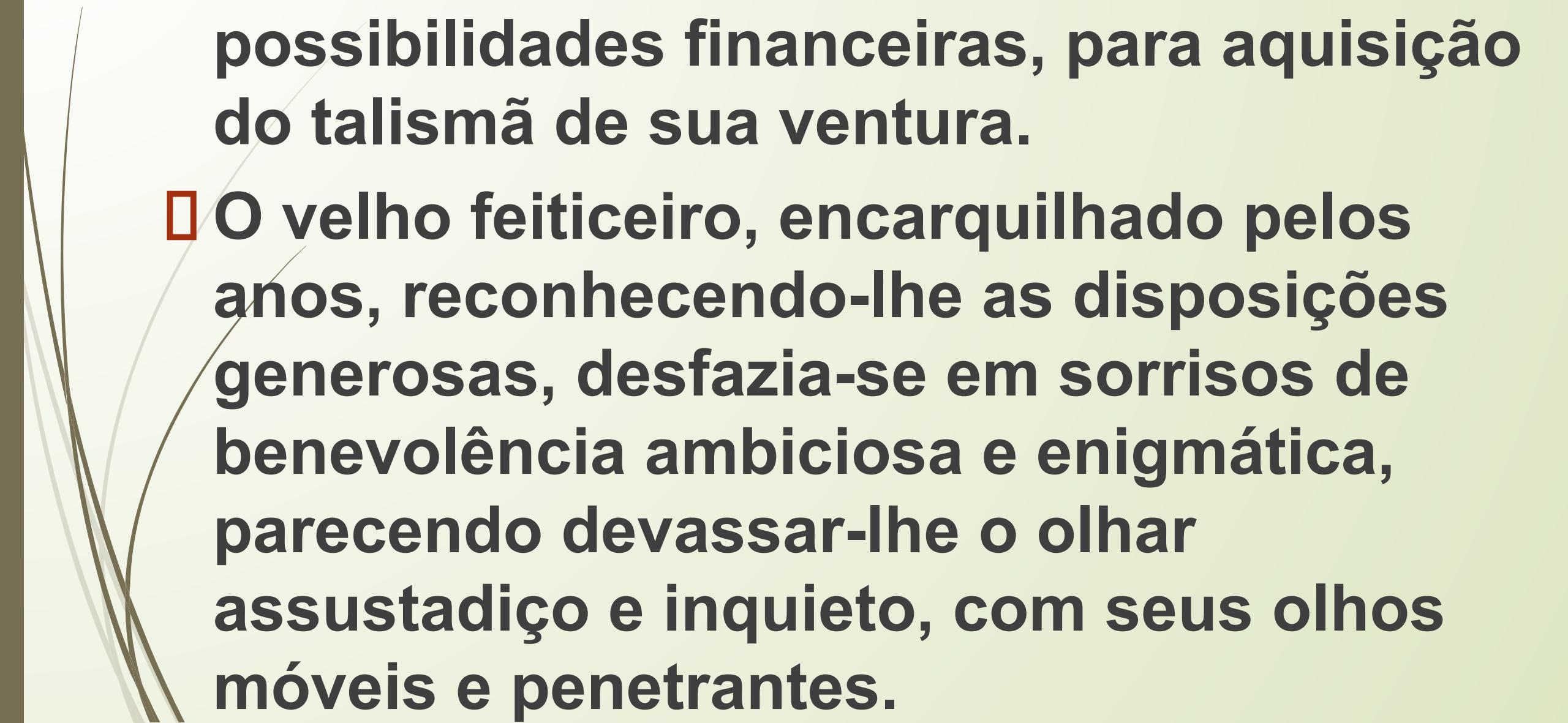


**Aquele mal da infância  
parecia reviver, porque o  
corpo novamente se abria  
em chagas dolorosas,  
enquanto os olhos pareciam  
seriamente atacados de  
moléstia implacável.**

□ Três dias depois das exéquias de Agripa, Publius Lentulus, fundamental penalizado, ouviu-lhe o depoimento íntimo e angustioso, com o máximo de atenção amorosa e interessada. Findo o relato minucioso da filha, cujas desventuras conjugais lhe tocavam o âmago do coração, o velho senador requereu novo interrogatório de Saul, com a sua presença, mas, enviando emissário à procura do liberto de Flamínio, ficara atônito com uma nova surpresa.

□ Saul de Gioras, depois de responder às arguições particulares de Publius Lentulus, quando ainda não se haviam realizado os funerais de Agripa Severus, percebeu claramente a atitude mental daquele para consigo, concluindo que lhe não seria possível enganar o tato psicológico do velho senador.

- Dois dias após as cerimônias fúnebres, o liberto procurou Araxes no seu miserável refúgio do Esquilino, com o espírito exacerbado e inquieto.
- Crendo sinceramente nas intervenções maravilhosas do mago, à vista das suas faculdades divinatórias, aproveitadas, aliás, por forças tenebrosas do plano invisível, ligadas às suas sinistras ambições de dinheiro, notou Saul que o adivinho o recebia com a misteriosa fleuma de sempre.

- 
- Deixou bem visível a volumosa bolsa, recheada, como a demonstrar-lhe as ricas possibilidades financeiras, para aquisição do talismã de sua ventura.
  - O velho feiticeiro, encarquilhado pelos anos, reconhecendo-lhe as disposições generosas, desfazia-se em sorrisos de benevolência ambiciosa e enigmática, parecendo devassar-lhe o olhar assustadiço e inquieto, com seus olhos móveis e penetrantes.

□- Araxes - exclamou Saul, com voz quase súplice -, estou cansado de esperar o amor da mulher que adoro! Estou aflito e preocupado... Preciso serenar minhas penosas aflições. Ouve-me! Quero de tuas mãos o talismã da felicidade para o meu amor desventurado!...

□ O velho adivinho guardou por minutos a cabeça entre as mãos, no gesto que lhe era peculiar e, depois, respondeu em voz quase sumida:

□ - Senhor, dizem-me as vozes do invisível que as vossas aflições não são resultantes de um amor incompreendido e desesperado...

□ Mas o liberto de Flamínio, que sofria o mais fundo desespero de consciência por haver eliminado um amigo e benfeitor, em plena floração de juventude, cortou-lhe a palavra, exclamando incisivamente:

- - Como ousas contradizer-me, feiticeiro infame?
- Araxes, todavia, com um brilho estranho nos olhos bulícosos, revidou com presteza:

□ - Julgais-me, então, um feiticeiro infame? Nem por isso, todavia, deixarei de falar a verdade, quando a verdade me convenha.

□ - Pois repito o que disse! Mas, a que verdades misteriosas aludes em tuas vagas afirmativas? - falou o liberto, fundamente exasperado.

□- A verdade, meu amigo - dizia o mago, com serenidade quase sinistra -, é que se estais tão perturbado é somente porque sois um criminoso. Assassinastes, friamente, um benfeitor e um amigo, e a consciência do celerado teme a implacável ação da justiça!

□- Cala-te, miserável! Como o soubeste? - exclamou Saul, excitadíssimo, ao mesmo tempo que arrancava o punhal de entre as dobras do manto.

□E avançando para o velho indefeso, acrescentava com voz cavernosa:

□ - Já que as tuas ciências ocultas te proporcionam conhecimentos perniciosos à tranquilidade alheia, deves também desaparecer!....

□ Araxes comprehendeu que o momento era decisivo. Aquele homem arrebatado era capaz de eliminá-lo de um só golpe. Medindo a situação num relance e movimentando toda a sua argúcia para conservar os bens da vida, esboçou um sorriso fingido e complacente, exclamando:

□- Ora, ora, se falei a verdade foi somente para poderdes avaliar os meus poderes espirituais, porquanto, se é do vosso desejo, poderei integrar-vos, imediatamente, na posse do necessário talismã. Com ele, sereis profundamente amado pela mulher de vossas preferências...

□ Com ele, modificareis os mais íntimos sentimentos dessa criatura que adorais e que vos fará, então, a felicidade de toda a vida. Quanto ao mais, não sois o primeiro a tirar a vida de um semelhante, porque todos os dias me aparecem fregueses nas vossas condições, batendo a estas portas. Além disso, entre nós deve existir grande confiança recíproca, porque sois meu cliente há mais de dez anos.

□ Ouvindo-lhe as palavras benevolentes e serenas, o liberto de Flamínio guardou novamente a arma, considerando novas perspectivas de felicidade e concordando em tudo com o adivinho, que, fazendo-o sentar-se, lhe ocupou a atenção por mais de uma hora com a descrição de fatos idênticos aos que lhe ocorriam, demonstrando teoricamente a eficiência dos seus amuletos miraculosos.



**■**la a palestra em boa forma,  
quando Saul lhe solicitou a  
entrega imediata do talismã,  
porquanto desejava  
experimentar-lhe o efeito  
naquele mesmo dia, ao que  
**Araxes respondeu pressuroso:**

□- O vosso talismã está pronto.  
Posso entregar-vos essa  
preciosidade agora mesmo,  
dependendo tão somente de  
vós mesmo, porque precisareis  
beber o filtro mágico, que vos  
colocará na situação espiritual  
requerida pelo cometimento.

□ Saul não fez questão de submeter-se às imposições do velho egípcio, nas suas manobras estranhas e misteriosas, penetrando uma câmara, ornamentada de vários símbolos extravagantes, que lhe eram totalmente desconhecidos.

Araxes levava a efeito as encenações mais sugestivas. Vestiu-lhe, sobre a toga comum, larga túnica igual à sua e, depois de fingidas posições de magia incompreensível, foi ao interior do pequeno laboratório, onde tomou de um tóxico violento, monologando intimamente de si para consigo: - "Vais receber o talismã que mais te convém neste mundo".

□ Deitou algumas gotas do perigoso filtro numa taça de vinho e, com largos gestos espetaculosos, como se estivesse obedecendo a ritual ignorado, deu-lhe a beber o conteúdo, prosseguindo nos gestos exóticos, que eram bem as expressões pitorescas e sinistras de extravagante magia de morte.

■ Ingerindo o vinho na melhor intenção de guardar o amuleto da sua felicidade, o perigoso liberto sentiu que os membros se relaxavam sob o império de uma força desconhecida e destruidora, porquanto lhe faltava a própria voz para externar as emoções mais íntimas. Quis gritar, mas não o conseguiu, e inúteis foram todos os esforços para levantar-se.

□ Aos poucos, os olhos turvaram-se lugubriamente, como enevoados por sombra espessa e indefinível. Desejou manifestar seu ódio ao mago assassino, defender-se daquela angústia que lhe sufocava a garganta, mas a língua estava hirta e um frio penetrante invadiu-lhe os centros vitais. Deixando pender a cabeça sobre os cotovelos apoiados ao longo da mesa ampla, compreendeu que a morte violenta lhe destruía todas as forças vivas do organismo.

□ Araxes fechou tranquilamente o quarto, como se nada houvesse acontecido, e voltou à loja, atendendo solícito à clientela numerosa, sem quebra da habitual serenidade.

□ Antes da noite, porém, penetrou na câmara mortuária e esvaziou a bolsa do cadáver, guardando as moedas silenciosamente entre as suas fartas reservas de avarento.

Depois das vinte e três horas,  
quando a cidade dormia, o velho  
feiticeiro do Esquilino  
misturava-se aos escravos que  
faziam o serviço noturno dos  
transportes, conduzindo uma  
pequena carroça de mão, dentro  
da qual ia um grande volume.



□ Após longo trajeto, ganhava as cercanias do Fórum, entre o Capitólio e o Palatino, onde descansou, esperando o derradeiro quarto da madrugada, quando, então, despejou a carga num ângulo escuro da via pública, voltando tranquilamente para o seu sono de cada noite.

□ De manhã, o cadáver de Saul foi facilmente identificado e, quando o senador buscava o liberto para declarações, recebeu a surpresa daquela notícia, inquirindo a si mesmo as razões daquela morte imprevista e estranha, aturdido com a entrosagem do mecanismo da justiça divina e perguntando intimamente, à própria consciênciа, se Saul não seria daqueles criminosos imediatamente justiçados pela lei das compensações, no caminho infinito dos destinos.

Seu coração, mais que nunca inclinado ao exame das profundas questões filosóficas, perdia-se num abismo de conjecturas, recordando a recomendação do espírito de Flamínio e as elevadas lições de Ana, calcadas no Evangelho: procurava, com a maior boa vontade resolver o problema do perdão e da piedade.

□ Desejoso de satisfazer a própria consciência nas atividades da vida prática, buscou contrariar suas tradições e costumes em face do acontecimento, e, dirigindo-se à residência do algoz de seus filhos, tomou todas as providências para que não lhe faltassem a decência e o respeito nas cerimônias fúnebres.

Alguns escravos e servos de confiança estavam habilitados a resolver todos os problemas atinentes aos negócios deixados pelo morto, mas, cooperando nas exéquias, Publius Lentulus se sentia satisfeito por vencer a aversão pessoal, homenageando, ao mesmo tempo, a memória de Flamínio.

□ Localizando-se com a nova companheira em Avênio, Plínio Severus soube, por intermédio de amigos, da tragédia que se desenrolara em Roma na noite de sua ausência, sendo igualmente cientificado das dúvidas penosas que pairavam a seu respeito.

□ Profundamente tocado nas suas fibras emotivas, lembrando-se do irmão que, tantas vezes, lhe testemunhara as mais altas provas de afeto, desejou regressar, de maneira a esclarecer convenientemente o assunto, vingando-lhe a morte;

□ todavia, amolecido nos braços de Aurélia e receoso do julgamento do velho senador, respeitado como um pai, além da suspeita que lhe causava a notícia da inexplicável enfermidade da esposa, deixou-se ficar na sua vida incompreensível, através de Avênio, Massília, Arelate, Antípolis e Nice, buscando esquecer no vinho dos prazeres as grandes responsabilidades que lhe cabiam.

■ Junto de Aurélia, a vida do oficial decorreu em tranquilidade condenável, por três longos anos, quando um dia teve a dolorosa surpresa de encontrar a companheira pérfida e insensível nos braços do músico e cantor Sérgio Acerronius, chegado a Massília com as ruidosas alegrias da Capital do Império.

□ Nesse dia amargurado da sua existência, o filho de Flamínio investiu sobre a mulher traidora, de arma na mão, disposto a tirar-lhe a vida criminosa e dissoluta. No instante, porém, da sua desforra, considerou intimamente que o assassinio de uma mulher, ainda que diabolicamente perversa, não deveria entrar nos trâmites da sua vida, supondo ainda que, deixá-la viver no caminho escabroso de suas crueldades, seria a melhor vindita do seu coração traído e desventurado.

□ Abandonou, então, para sempre, aquela mísera criatura, que foi eliminada mais tarde, em Âncio, pelo punhal implacável de Sérgio, que lhe não tolerou a infidelidade e a pervicácia no crime.

□ Sentindo-se só, Plínio Severus considerou, amarguradamente, os erros clamorosos da sua vida. Reviu o passado de futilidades condenáveis e atitudes loucas. Quase pobre, viu-se misérrimo para voltar ao ambiente romano, onde tantas vezes brilhara na mocidade, em aventuras pródigas e felizes.

□ Debalde lhe enviara o senador apelos afetuosos. Chamado a brios pelas lições dolorosas do próprio destino, o oficial, amparado por alguns amigos de Roma, preferiu esforçar-se pela reabilitação nas cidades das Gálias, onde permaneceria longos anos em trabalho silencioso e rude, pelo reerguimento do seu nome diante dos parentes e amigos mais íntimos.

- ☐ Já entrado na idade madura, das profundas reflexões, grande lhe foi o esforço de reabilitação, distante dos entes mais caros.
- ☐ Quanto ao velho senador, resistiu, decididamente, dentro da sua rígida estrutura espiritual, aos golpes aspérrimos do destino. Fazendo da luta de cada dia o melhor caminho de esclarecimento, viu passar os anos sem desânimo e sem ociosidade.

□ Desde os trágicos acontecimentos em que Agripa e Saul haviam perdido a vida misteriosamente, com o abandono definitivo do marido, Flávia Lentúlia tinha a saúde abalada para sempre. Na epiderme, os venenos de Ateia haviam sido anulados e vencidos pelas substâncias medicamentosas aplicadas, mas a luz dos seus olhos fora aniquilada para todo o sempre. Desalentada e cega, encontrou, porém, no coração generoso de Ana, o carinho materno que lhe faltava em tão penosas circunstâncias da vida.



PROJETO

# ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

